

MARIA DO CARMO LAPIDO DE ABREU — *Alguns Aspectos da Comédia Nora de Menandro*. Porto, 1947. 74 pp.

O trabalho que temos presente, separata da revista *Portucale*, é, como escreve o Prof. Rebelo Gonçalves que o prefaciou, um bom sintoma de renascimento dos estudos clássicos em Portugal. Só por isto merece desde já a Autora os elogios e felicitações que o referido Professor lhe dirige.

Menandro tem sido objecto de atenção de críticos e de artistas através dos tempos. Os Romanos imitaram-no e enalteceram-no, os modernos exultaram com a descoberta de algumas fracções de texto em papiro exumado do solo do Egipto, fracções que, juntas aos fragmentos já conhecidos, ampliaram o conhecimento do teatro de Menandro, sem nos darem, contudo, nenhuma peça completa.

O estudo de Maria do Carmo Lapido de Abreu — estimável pela clareza de linguagem e elegância da forma, pela seriedade da argumentação e penetrante análise — abre com um sumário, mas indispensável escorço do ambiente histórico-social em que viveu Menandro. Estamos em pleno helenismo, uma era nova na história da Grécia, em que a sociedade, a política, as letras e as artes, todo o pensamento helénico se transforma e obedece a determinantes culturais muito diversas das que precederam e orientaram a representação da comédia aristofânica. Marca depois a A. o fenómeno evolutivo da comédia antiga para a nova, e considera Menandro não o *criador*, mas o mais ilustre *representante* desta comédia. «Menandro — acentua — não foi um criador, como o não foi nem é nenhum autor.» (p. 14.) Afirmação muito discutível, exacta talvez

---

(1) Lamentamos que o A., ao referir-se a Gil Vicente, o considere um espanhol: «alcuni versi dello spagnuolo Gil Vicente» (p. 250).

no que respeita à arte de Menandro, difícil, porém, de aplicar a certos autores cuja originalidade de pensamento e de expressão se não concilia muito bem com antecedentes ou imitações.

A segunda parte do trabalho, a mais extensa, elucidativa e pessoal, estuda as características gerais da comédia menandrina, distribuindo a matéria pelos capítulos seguintes: a estrutura da comédia; o assunto; a intriga; as personagens (1); concepções morais e religiosas; processos artísticos. Na estrutura, a comédia de Menandro distingue-se da de Aristófanes pela sua maior simplificação, tal como as normas de Horácio na *Arts poetica* o viriam depois a estabelecer. O coro desaparece ou fica reduzido a simples elemento decorativo, diluindo-se no enredo da acção dramática; e o prólogo é deslocado, o que lhe tira o sentido e função inicial, aristofânica e etimológica, de *fala prévia*. Quanto ao número de personagens, Menandro segue o costume da época. Não assim na escolha de assuntos para o seu teatro, reflexo da vida social e das correntes filosóficas: a análise de sentimentos, a vida psíquica e social constituem o fundo dos seus temas, e destes o dominante é o amor ou a sensualidade. A mesma orientação seguia a escultura. A preocupação analítica ou psicológica era do gosto geral e a matéria erótica agradava a uma sociedade galante, fútil, ociosa, como a do tempo de Menandro, em que as heteras desempenhavam um papel importante. Não diz a A. porque considera «propensa a romantismos» uma tal sociedade, pois o facto de ser «efeminada» e preferir o «assunto amoroso» do teatro de Menandro não é razão bastante para assim a classificarmos. Como intérprete da filosofia de Epicuro, cuja moral condena excessos e elogia tudo o que leva ao equilíbrio harmonioso de desejos e de ideias, Menandro está mais dentro de um ideal clássico de moderação e justeza de reacções do que de um ideal romântico de violenta expansão de paixões e fantasias. É este, aliás, o pensamento da A., quando se ocupa da intriga menandrina, calculadamente urdida, de tal sorte que os filamentos das peripécias românticas conduzem ao requerido desfecho. Nem faltam os cordelinhos do género para manter a tensão nervosa dos espectadores, o que revela habilidade consumada por parte do dramaturgo. Mas o teatro de Menandro era para um escoial intelectual, requintado, não era teatro de interesse colectivo. Dai a sua impopularidade, documentada no facto de só oito vezes ter obtido triunfo nos concursos.

A monotonia dos temas, sempre à volta de amores clandestinos, de crianças abandonadas cujos pais acabam por reconhecer-se, reconciliar-se e, burguesmente, contrair matrimónio, devia fatigar o espectador. Menandro buscou contrariar essa fadiga, profundando as reacções intimas das

(1) Em paralelismo com os títulos das peças, e adoptando sem dúvida o critério de alguns humanistas estrangeiros, a A. manteve a vestidura helénica dos nomes das personagens: assim, *Glykéra*, *Khairéstratos*, *Khrysis*, *Myrrine*, *Pamphile*, etc., em vez das regulares equivalências portuguesas *Glicera*, *Queréstrato*, *Crisis*, *Mirrina*, *Pânfila*, etc. — N. da R.

suas personagens, desnudando a alma humana em toda a sua complexidade de pensamentos e atitudes.

A A. entra a seguir num aspecto que já não é bem o da comédia de Menandro, mas antes da personalidade do dramaturgo, no que se refere às suas concepções morais e religiosas. A época de Menandro é, neste particular, um período de decomposição, de uma sociedade moral e céptica, em que definha, esgotadas as virtudes dos tempos áureos, a raça dos heróis de Salamina. Os costumes cedem à imoralidade; os homens desconfiam uns dos outros; não se reconhece valor ou superioridade moral e intelectual aos indivíduos. A mulher é considerada pouco mais do que uma escrava: como esposa, a sua missão não vai muito além de procriadora oficial de descendência legítima; como hetera, tem de divertir o homem e agradar-lhe. Certo grau de instrução que recebe é ainda condicionado a esse fim. Inevitável, por tudo isto, uma concepção pessimista de vida e uma vaga de ceticismo sobre o valor da natureza humana.

Tal atitude estende-se ao campo religioso. Para substituir o desacreditado antropomorfismo, Menandro, discípulo de Epicuro, acabou por conceder ao Acaso (*Tύχη*) o poder divino de que fruiam os deuses da mitologia. E pouco mais avançou neste capítulo dos conceitos religiosos. Interessaram-no principalmente os aspectos morais, sobretudo o problema da solidariedade humana, a caridade entre os homens, objectivo que, segundo Menandro, suavizaria as fatalidades do Acaso. Trata-se de uma aproximação da doutrina evangélica do amor do próximo, e não é esta a única afinidade ética com o cristianismo. Mas, por outro lado, Menandro nega toda a crença na imortalidade da alma.

Sem recusar à comédia de Menandro um valor artístico, aliás já reconhecido por escritores como Horácio, Plutarco e Quintiliano, a A. encontra nela alguns defeitos, sobretudo o artificialismo que transparece em certas personagens e em determinadas cenas. Aquelas têm por vezes raciocínio e cultura muito superiores aos que a sua categoria social permitiria; nestas, os pretextos de enredo são quase sempre os mesmos.

Menandro, todavia, criou um tipo de comédia especial, em que o elemento cómico não é dominante nem exclusivo, mas se apresenta sábiamente doseado pelo elemento sério. Do equilíbrio destes dois termos dramáticos — cómico e sério — resulta um conjunto harmonioso, inteligente combinação a que Menandro foi levado pela observação directa da vida. O elemento cómico, claro está, é relevante, e o poeta consegue obtê-lo recorrendo quer a expressões ou ao próprio grotesco da personagem e das situações criadas, quer ainda ao tom irônico das alusões e ao contraste dos temperamentos.

São estes os aspectos da comédia de Menandro considerados no estudo de Maria do Carmo Lapido de Abreu, — estudo cuidadoso (embora evidentemente susceptível de maior aprofundamento) e documentado com citações, em língua grega, do texto menandrino. Oxalá a A. volte a aplicar as suas qualidades de investigação a outros escritores das literaturas clássicas.